

LIAIII

FUNDAMENTOS DE LINGÜÍSTICA GERAL

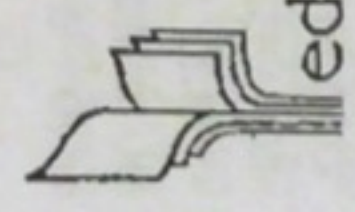
JESÚS-ANTONIO COLLADO

Título original: *Fundamentos de Lingüística General*

© Editorial Gredos, Madrid

Tradução: Isabel Gonçalves

Reservados todos os direitos para os países de Língua Portuguesa



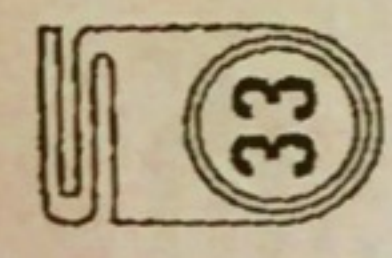
Edições 70

Avenida Duque de Avila, 69 - r/c. Esq. — 1000 Lisboa

Tels. 55 68 98 / 57 20 01

Distribuidor no Brasil: LIVRARIA MARTINS FONTES

Rua Conselheiro Ramalho, 330-340 — São Paulo



COLEÇÃO SIGNOS

VIII. FORMA E SUBSTÂNCIA DA LÍNGUA

As noções de *forma* e *substância* — noções de carácter bem profundo no campo da filosofia, de onde provêm — revestem-se de uma problemática especial ao serem aplicadas à descrição linguística. É precisamente por isso que se torna necessário esclarecer o sentido e as atribuições com que surge no domínio da linguagem. Partimos do facto de a linguagem, enquanto meio físico representativo, ocupar, como tudo o que é signo, um lugar intermédio entre o mundo da realidade física e o mundo da realidade noética ou conceptual; porque pertence à categoria dos signos, a linguagem deve ser considerada, não tanto sob a perspectiva do fenómeno físico, como sobretudo de perspectiva da estrutura formal. O elemento físico, porém, não é algo que careça por completo de importância. Daqui nasce o problema que nos ocupará nas páginas que se seguem.

Diversas utilizações dos termos «forma» e «substância»

A especialização dos estudos linguísticos a que assistimos nos nossos dias fez com que os termos *forma* e *substância*, já de certo modo utilizados tradicionalmente, assumissem, juntamente com os seus derivados *formal*, *formante*, *substancial*, *substantivo*, etc., acepções não só diversas, como também divergentes; torna-se, assim, muitas vezes impossível reduzi-las a um denominador comum.

a) Forma significa o conjunto de unidades fonológicas que constituem um significante e diz respeito

VIII. FORMA E SUBSTÂNCIA DA LÍNGUA

As noções de *forma* e *substância* — noções de carácter bem profundo no campo da filosofia, de onde provém — revestem-se de uma problemática especial ao serem aplicadas à descrição linguística. É precisamente por isso que se torna necessário esclarecer o sentido e as atribuições com que surge no domínio da linguagem. Partimos do facto de a linguagem, enquanto meio físico representativo, ocupar, como tudo o que é signo, um lugar intermédio entre o mundo da realidade física e o mundo da realidade noética ou conceptual; porque pertence à categoria dos signos, a linguagem deve ser considerada, não tanto sob a perspectiva do fenómeno físico, como sobretudo de perspectiva da estrutura formal. O elemento físico, porém, não é algo que careça por completo de importância. Daqui nasce o problema que nos ocupará nas páginas que se seguem.

Diversas utilizações dos termos «forma» e «substância»

A especialização dos estudos linguísticos a que assistimos nos nossos dias fez com que os termos *forma* e *substância*, já de certo modo utilizados tradicionalmente, assumissem, juntamente com os seus derivados *formal*, *formante*, *substancial*, *substantivo*, etc., acepções não só diversas, como também divergentes; torna-se, assim, muitas vezes impossível reduzi-las a um denominador comum.

a) Forma significa o conjunto de unidades fonológicas que constituem um significante e diz respeito

à estrutura fonológica das palavras dentro de determinada língua.

b) Forma tem o sentido tradicional de unidade morfológica ou gramatical; fala-se, pois, de formas nos paradigmas da declinação e conjugação, de forma activa e passiva dos verbos, etc.

c) Forma e formal surgem modernamente no sentido de método de análise sintáctica puramente formal, isto é, excluindo todo o recurso à semântica. Assim, por exemplo, uma forma verbal não se define como um tipo de unidade que indica acção, estado, movimento, etc., mas como uma classe que pode entrar em combinação com outras classes como pessoa, tempo, modo, e desempenhar funções distintas nos enunciados.

d) Forma significa o mesmo que estrutura e refere-se a um determinado nível abstractivo na descrição da língua, contraposto ao meio físico ou material em que a tal estrutura se realiza; assim se opõe a forma à substância na teoria de Saussure e Hjelmslev. Quanto ao termo «substância» utilizado frequentemente para designar a parte física ou material da linguagem, não deixa de surpreender o duplo sentido que adquire em Hjelmslev como substância do conteúdo e substância da expressão.

Os linguistas americanos introduziram modalidades específicas no significado dos termos «forma», «formal» e «substantivo», como poderemos ver, por exemplo, em Bloomfield e recentemente em Chomsky.

Mas, qualquer que seja a acepção utilizada, os conceitos de forma e substância (ou melhor, matéria) têm vindo a desempenhar um papel importante na descrição linguística.

Os aspectos material e formal da linguagem vistos pelos tratadistas medievais

O conhecimento de um aspecto formal e outro material na linguagem remonta às próprias origens da investigação linguística. Basta mencionar, a título de exemplo, as especulações gramaticais de alguns tratadistas medievais sobre os chamados *modi significandi*. A base da análise era então a teoria hilemórfica de Aristóteles: os elementos da linguagem compõem-se de matéria e forma; um som ou uma combinação de sons (*vox*) apenas constitui uma palavra (*dictio*) graças à *ratio significandi*, isto é, graças ao elemento formal em que se converte o signo. O componente

físico da palavra não era, pois, considerado essencial, já que dependia da convenção ou uso, variando, portanto, de língua para língua. A análise gramatical começava pelos *modi significandi*, que representam a verdadeira função das palavras dentro do discurso.

Considerado este precedente, não nos admiramos do princípio estabelecido por Saussure, e adoptado pela generalidade dos linguistas modernos, de que a *língua é uma forma e não uma substância*¹. E, no entanto, este princípio traz-nos algo de novo, embora a origem dessa novidade, o seu sentido moderno, não tenha nascido com Saussure, mas seja bastante anterior: remonta sem dúvida aos escritos de Humboldt. Com efeito, este autor apresenta-nos uma concepção abstracta da língua, e essa concepção não morre com ele, surgindo-nos ainda com toda a sua força.

Forma e matéria linguística em Humboldt

Partindo da sua célebre definição: «a língua não é obra (*érgon*), mas actividade (*enérgeia*)»² — com a qual se estabelece o conceito genético da linguagem —, conclui Humboldt que a actividade do espírito relativamente à linguagem consiste em «preparar o som articulado para a expressão do pensamento»³. Isto equivale a relacionar a linguagem com a sua estrutura formal. Deste ponto de vista, a linguagem surge-nos, não como um caos disperso de palavras e regras, algo necessariamente incompleto, mas como uma *totalidade*, ou melhor, como *língua*. A investigação linguística tem por objecto «entender» o que é a língua. Mas como? Pela dedução da forma.

*O que neste trabalho do espírito se mantém como algo constante e homogéneo, concebido nas suas relações de maneira mais completa possível e exposto sistematicamente, é precisamente o que constitui a forma da língua*⁴.

¹ Assinalamos aqui a inadequação do termo «substância», sobretudo se relacionado com a teoria hilemórfica, em que forma (substancial) se opõe a matéria (potencial). Com efeito, o sentido de substância em Saussure limita-se ao de matéria.

² W. von Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, Berlin, 1836; edic. fac-simile, Bona, 1968, p. 57.

³ *Ibid.*, p. 57.

⁴ *Ibid.*, p. 59.

Daqui se deduz que *forma*, assim entendida, não significa *forma gramatical*; esta refere-se mais propriamente a um aspecto prático visando a aprendizagem das línguas, não devendo constituir a norma nem o limite da verdadeira investigação linguística.

*A concepção de língua como forma ultrapassa as regras da sintaxe e do vocabulário... A forma deve ser entendida como oposta à matéria*⁵.

Humboldt começa aqui a precisar o que entende por matéria da língua.

Falando em termos gerais, não é possível que dentro da língua exista uma matéria informe, já que na língua tudo tende para um determinado fim: a expressão do pensamento; tarefa que começa com o elemento mais primário: o som articulado. E é à forma que deve o facto de ser som articulado. «Por isso a investigação da forma de uma língua começa pelo alfabeto»⁶. Porém, se queremos falar com propriedade, a verdadeira matéria da língua mantém uma dupla relação. Humboldt expressa-se aqui em termos que prevêm a distinção de Hjelmslev entre substância do conteúdo e substância da expressão, embora Humboldt não fale de substância mas sim de matéria (*Stoff*):

*A verdadeira matéria da língua é, por um lado, o som em si mesmo, e, por outro, o conjunto de impressões sensoriais e actos mentais espontâneos que antecedem a formação do conteúdo com a ajuda da língua*⁷.

Embora este texto seja uma interpretação bem cuidada, percebemos nele claramente a distinção de dois planos de elementos materiais sobre os quais a língua exerce a função de forma.

Este é, em resumo, o pensamento de Humboldt a propósito dos componentes formal e material da língua. Como sempre em Humboldt, trata-se de ideias muito profundas, embora de uma maneira geral surjam expostas num estilo obscuro e pouco trabalhado. Sabemos bem que estas ideias não se perdem, continuando a sua influência em muitos pontos da teoria da linguagem; encontramos-as em Steintal e Gabe-

⁵ *Ibid.*, p. 61.

⁶ *Ibid.*, p. 62.

⁷ *Ibid.*, p. 61.

lentz e, graças à obra de Saussure, vão enriquecendo o pensamento linguístico do nosso século.

Forma e substância da língua segundo Saussure

A distinção entre forma e substância (matéria) não foi, como vimos, introduzida nos estudos linguísticos por Saussure, embora tenha com ele adquirido um novo impulso e um posterior desenvolvimento. De qualquer modo, constitui uma das ideias mestras do pensamento linguístico saussureano.

A base teórica desta distinção, tal como é apresentada no *Curso*, assenta na célebre dicotomia *língua e fala*. Interessa a Saussure deixar bem claro o carácter puramente formal da língua e, como resumo dos seus anteriores argumentos, surge a afirmação «a língua é uma forma, não uma substância»⁸. Eliminado do conceito de língua todo o elemento variável e espontâneo que caracteriza a fala, a língua fica reduzida a um puro sistema de signos e às relações existentes entre eles; isto é, é constituída em abstracção.

Na mente de Saussure, a língua surge como princípio de ordem, tanto em relação ao pensamento como em relação à matéria fónica, pois «nada é distinto antes da aparição da língua»⁹. O facto linguístico, a língua, é o único que impõe divisões, quer no plano indefinido das ideias confusas, quer no plano igualmente indeterminado dos sons.

Segundo Saussure, verifica-se, portanto, uma zona dupla de matéria amorfa que precisa da ajuda da língua para se definir. O papel característico da língua consiste em servir de intermediária entre o pensamento e o som através do estabelecimento de unidades. A língua constitui o domínio das articulações em que os elementos de duas ordens distintas se combinam de tal modo que «esta combinação produz uma forma, não uma substância»¹⁰. Trata-se, pois, aqui novamente de preparar o som articulado para a expressão do pensamento, como dizia Humboldt.

Esta função formante da língua era concebida por Saussure no sentido de valor; a forma linguística representa um valor, estando, pois, liberta da matéria. Tal como uma moeda representa um valor que não

⁸ F. de Saussure, *Curso de linguística geral*, Lisboa, 1978, pp. 192-206.

⁹ *Ibid.*, p. 190.

¹⁰ *Ibid.*, p. 192.

depende da matéria de que a moeda é feita. «Os valores — diz-nos Saussure — mantêm-se relativos; por isso, a relação ideia som é radicalmente arbitrária»¹¹. O que importa em qualquer expressão linguística não é a série de sons, mas a disposição dos mesmos, já que dela depende o significado. Todo o signo actua, não pelo seu valor intrínseco, mas pela sua posição relativa. Essa posição relativa constitui o seu elemento formal. Também aqui se torna elucidativa a comparação com o jogo de xadrez¹².

Assim,

*é impossível que o som, elemento material, pertença por si próprio à língua. É algo de secundário, uma matéria que a língua maneja. Todos os valores convencionais apresentam esta característica de se não confundirem com o elemento tangível que lhes serve de suporte*¹³.

O mesmo já se não verifica em relação ao elemento formal, o **significante organizado**:

*na sua essência, ele não é fónico, é incorpóreo, constituído não pela sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam a sua imagem acústica de todas as outras*¹⁴.

Este é, segundo Saussure, o princípio essencial que se aplica a todos os elementos da língua.

Tudo isto demonstra que o que constitui realmente a língua é a forma. Os signos da escrita mostram-no claramente: não existe qualquer relação entre a letra *t* e o som que lhe corresponde; **até variantes gráficas da mesma letra**, como por exemplo,

t A t

não impedem a identificação do seu sentido; apenas importa que se não confunda com outros signos; ou melhor, que mantenha o seu carácter formal. De acordo com Saussure, todos os erros da linguística se devem à

¹¹ *Ibid.*, p. 192.

¹² *Ibid.*, pp. 154 e 18.

¹³ *Ibid.*, p. 200.

¹⁴ *Ibid.*, p. 200.

crença de que existe uma substância no fenómeno linguístico. Porém, essa não é a realidade. «A língua é, por assim dizer, uma álgebra que só teria termos complexos»¹⁵; é um «complexo de termos que se condicionam reciprocamente. Por outras palavras, a língua é uma forma, não uma substância»¹⁶.

A herança de Humboldt e Saussure relativamente à concepção formal da língua é directamente reconhecida pela escola de Copenhaga, e muito especialmente por Hjelmslev. Muito genericamente poder-se-á dizer que dela partiram todas as direcções do estruturalismo, embora seja a glossemática a que de certo modo se propõe levá-la às últimas consequências. Por isso dedicaremos a este assunto a nossa especial atenção.

A posição adoptada pelos linguistas americanos em relação a este tema de tanta importância teórica reveste-se também de um interesse muito especial e de uma extrema complexidade. O modo como organizamos a presente exposição, assim como o limitado espaço de que dispomos para o desenvolvimento deste aspecto da linguística americana, leva-nos a falar primeiro da posição adoptada pelos linguistas americanos, deixando para o fim a exposição mais desenvolvida da teoria de Hjelmslev.

O aspecto formal da linguagem na linguística americana

A origem da linguística estrutural americana deve-se, como é sabido, a E. Sapir e L. Bloomfield. Ambos escreveram uma obra com o mesmo título, embora de orientação diversa¹⁷. Porém, qual a relação deste estruturalismo americano com o saussureano ou o europeu?

Sem pretender entrar nos pormenores desta questão, que não cabe agora tratar, poderíamos dizer muito genericamente que o estruturalismo americano, embora partindo de pressupostos inteiramente diferentes, vem a coincidir no essencial com o estruturalismo europeu, não só nos métodos, mas muito especialmente nos resultados. Vejamos concretamente como surgem na linguística norte-americana as noções de forma e substância tão características do estruturalismo europeu.

¹⁵ *Ibid.*, p. 205.

¹⁶ *Ibid.*, p. 206.

¹⁷ E. Sapir, *Language*, 1921; L. Bloomfield, *Language*, 1933.

Como vimos, o fundamento desta distinção era, na doutrina de Saussure, o conceito de língua entendida como sistema abstracto e, consequentemente, afastada das suas manifestações concretas na fala. Em Bloomfield, pelo contrário, a língua é essencialmente um dado experimental documentado nas manifestações da fala (*utterances*). Harris, o mais fiel continuador de Bloomfield, expressa-se no mesmo sentido, definindo a língua como «a totalidade de todos os enunciados em todas as situações»¹⁸. Daqui resulta que, enquanto que o estruturalismo europeu, inspirado em Saussure, se situa desde o primeiro momento no plano estritamente formal, o estruturalismo americano, inspirado em Bloomfield, parte da fala concreta que responde a situações igualmente concretas.

Esta disparidade de pontos de vista também se verifica numa questão estreitamente ligada à anterior: a do signo linguístico. Como já dissemos¹⁹, o signo linguístico é, para Saussure, a união de uma imagem acústica a um conceito, isto é, uma unidade associativa verificado dentro da nossa mente; é assim que o elemento propriamente material do signo, o significante, se vem a situar no plano inteiramente psíquico ou mental. As imagens acústicas só muito dificilmente poderão ser consideradas de outro modo que não seja o de formas mentais. Ora a língua é para Saussure um sistema de signos, isto é, um sistema de formas mentais.

Bloomfield e os blomfieldianos encaram a questão de outro modo. O signo linguístico é essencialmente um elemento fónico material que funciona como estímulo²⁰. O significado dos signos é algo que não admite descrição linguística, pois empiricamente apenas poderemos constatar as reacções do interlocutor ao perceber os estímulos linguísticos.

*O estudo dos sons da fala — diz Bloomfield — sem relação com os significados é uma abstracção; na utilização actual, os sons da fala são emitidos como simples sinais. Definimos o significado (meaning) de uma forma linguística como a situação em que o falante a utiliza e como a resposta que desencadeia no ouvinte*²¹.

¹⁸ Z. S. Harris, *Structural linguistics*, Chicago/Londres, 1966, p. 27.

¹⁹ Cf. *supra*, pp. 77 e segs.

²⁰ Cf. Bloomfield, *Language*, Londres, 1967, pp. 23 e segs.

²¹ *Ibid.*, p. 139.

A comunicação linguística surge aqui, portanto, como um processo mecânico de tipo automático, algo que se desenvolve exclusivamente no plano da expressão.

Partindo deste pressuposto, perguntamo-nos que aplicação terá de facto na linguística blomfieldiana as noções de forma e substância. Ao que poderemos responder que a aplicação é praticamente nula, pois uma tal distinção só faz sentido quando encarada de um ponto de vista puramente teórico, isto é, do plano da abstracção. Trata-se, na realidade, de um método apriorístico. Estas suposições não se verificam, porém, na linguística blomfieldiana, onde a forma é a estrutura da própria substância, o elemento material formado fonicamente e aplicado a uma determinada situação.

*Qualquer combinação de fonemas — diz Bloomfield — que ocorra numa língua, é articulável nessa língua e constitui uma forma fonética. A combinação [mnu], por exemplo, não é articulável em inglês, enquanto que a combinação [men] é articulável e constitui uma forma fonética. Ao ser estabelecida a fonologia de uma língua, a comunicação tem por objecto unir significados às diferentes formas fonéticas... Uma forma fonética que tem significado é uma forma linguística. Portanto, qualquer oração, frase ou palavra em inglês é uma forma linguística*²².

A isto se limita a distinção de forma e substância. Um aspecto distinto das noções de forma e substância, bastante próximo do sentido usual dentro da linguística europeia, surge na obra de Chomsky com a designação de *universais formais e substantivos*²³.

Segundo este autor, a aprendizagem de uma língua pressupõe na criança o «conhecimento tácito» desses universais; ou melhor, os dados que fornecemos à criança são por ela percebidos como pertencentes a um tipo de língua bem definido. Sem isso, a aprendizagem de uma língua seria impossível. Pode dizer-se que estes universais formam como que a natureza da língua, um «esquema inato» que se vai tor-

²² *Ibid.*, p. 138.

²³ Cf. N. A. Chomsky, *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge/Mass., 1965, pp. 27 e segs.

nando cada vez mais explícito e diferenciado. Chomsky divide estes universais em substantivos e formais.

Universais substantivos são «os elementos de certo tipo extraídos de uma classe fixa de elementos», como, por exemplo, os traços distintivos dos fonemas segundo a teoria binária de Jakobson. Estes traços podem ser chamados «universais substantivos» pois constituem um esquema fixo de caracteres fonéticos, possuindo cada um deles uma modalidade acústico-articulatória substantiva independente de qualquer língua em concreto. Também a gramática tradicional era, segundo Chomsky, uma teoria de universais substantivos neste sentido.

Por universais formais entende-se as propriedades gerais abstractas que devem ter todas as línguas naturais, propriedades essas que permitem a dedução das gramáticas dessas línguas. Praticamente, «os universais formais implicam o carácter de regras que aparecem nas gramáticas e os possíveis modos de interligação». Chomsky reforça esta opinião com a sua teoria da gramática transformacional, cujas regras reflectem as estruturas latentes na língua. É evidente que

a gramática de todas e cada uma das línguas satisfaz certas condições formais específicas. A propriedade de uma gramática que satisfaça uma certa condição abstracta poderia designar-se por universal linguístico formal.

Segundo Chomsky, o estudo dos universais linguísticos consiste no estudo das propriedades de qualquer gramática generativa para uma língua natural.

A existência de universais formais subjacentes — diz Chomsky — implica que todas as línguas sejam talhadas pelo mesmo molde, mas não implica que haja uma correspondência ponto por ponto entre línguas particulares.

Chomsky conclui que uma teoria da linguagem que proponha como hipótese a capacidade inata do homem para formar uma língua terá que postular a existência de universais linguísticos, tanto substantivos como formais.

Com esta nova abordagem, a evolução mais recente da linguística americana aproximou-se consideravelmente da glossemática.

O formalismo linguístico de Hjelmslev

Segundo Hjelmslev, só uma concepção puramente formal da língua (a dedução do esquema) permite identificar cada língua independentemente dos diversos meios de expressão que pode adoptar (sons articulados, alfabetos, signos dos surdos-mudos, etc.), despidendo-a do seu carácter material, separando o essencial do acessório. Só a aceitação deste carácter formal de cada língua justifica a famosa comparação com o jogo de xadrez.²⁴

O conceito de forma aplicado à investigação linguística equivale de certo modo ao valor de troca das ciências económicas. Deste ponto de vista,

é a forma que constitui o valor e a constante, enquanto que a substância contém as variáveis a que se atribui diferentes valores segundo as circunstâncias.²⁵

É o que acontece, por exemplo, com uma moeda ou uma nota, que podem variar de valor, mantendo sempre a unidade que representam. Em todo o sistema semiológico é o esquema que constitui a constante.

Hjelmslev propõe esta concepção formal da língua como uma simples hipótese de trabalho; diz que a sua teoria «não tem o carácter de dogma ou juízo apriorístico» e que, «por muito que se queira classificá-lo de doutrina, é uma doutrina que apenas subsiste como hipótese»; o mesmo se verifica com aquilo a que se chama axioma; só tem o sentido de hipótese ou definição.²⁶

Estas observações que Hjelmslev faz em relação à sua teoria devem sempre estar presentes na nossa mente para não afirmarmos precipitadamente que se trata de uma metafísica da linguagem ou inclusivamente de um ontologismo de inspiração platónica. É o próprio Hjelmslev quem expressamente tenta afastar-nos de uma tal interpretação:

A linguística estrutural abstém-se não só de todo o dogmatismo, como também de toda a especulação metafísica..., e pretende substituir a

²⁴ Cf. L. Hjelmslev, *Essais linguistiques*, Paris, 1971, pp. 82-83.

²⁵ *Ibid.*, p. 85.

²⁶ *Ibid.*, p. 28.

filosofia da linguagem de outros tempos por uma investigação positiva e científica²⁷.

A hipótese inicial não se pronuncia sobre a «natureza» do «objecto» estudado e trata de se não perder numa metafísica ou numa filosofia de Ding an sich. Ocupa-se exclusivamente do método...; é a possibilidade do método preconizado pela hipótese²⁸.

Partindo deste pressuposto, perguntamos: em que consiste, pois, exactamente a hipótese de que a língua é forma; ou, por outras palavras: quais os caracteres formais da língua. Das explicações de Hjelmslev podemos deduzir os seguintes pontos:

1) *A língua é uma entidade.* — A hipótese considera a língua essencialmente como entidade; por isso se opõe a qualquer outra hipótese que considere a língua como um conglomerado fortuito de elementos heterogêneos, como um conjunto obtido por simples adição desses elementos. A linguística estrutural parte do conjunto, cujas partes estuda tendo em conta a entidade em que se integram²⁹.

2) *A língua é uma entidade autónoma.* — Ao considerar a língua como entidade autónoma, a hipótese opõe-se a qualquer outra hipótese que a considere função de outra coisa; isto é, a língua não é objecto próprio de ciências como a biologia, psicologia, filologia ou sociologia. Isso não implica, porém, que a língua não possa interessar a todas essas ciências; só que elas não são capazes de esgotar a sua essência. A linguística estrutural não estuda a linguagem do lado de fora, mas sim do lado de dentro; é uma linguística imanente³⁰.

3) *Entidade autónoma não significa essência absoluta, mas sim sistema de dependências internas.* — A hipótese opõe-se a toda a hipótese que pressuponha a existência de factos linguísticos independentes das relações que os une, e nega que se dê uma substância absoluta ou uma realidade fora dessas mesmas relações; exige pois que se definam as grandezas atra-

²⁷ *Ibid.*, p. 28.

²⁸ *Ibid.*, p. 29.

²⁹ *Cf. ibid.*, p. 30.

³⁰ *Cf. ibid.*, p. 30.

vés das relações e não vice-versa. Portanto, a língua, como entidade autónoma, é essencialmente constituída pelas dependências internas dos seus elementos; de modo que a análise desta entidade revela a interdependência de tais elementos³¹.

4) *As unidades da língua são os «relata».* — As verdadeiras unidades da língua não são os sons nem os significados, mas os elementos em relação (*relata*) que esses sons e significados representam, a realidade dos elementos dentro da cadeia e dentro do paradigma gramatical. Esta mútua relação de elementos forma o sistema da língua, sistema interno que caracteriza essa língua em relação às outras, não sendo a sua representação externa por sons e significados dependentes do sistema, podendo pois variar sem o modificar. Assim, por exemplo, o espanhol falado, escrito, telegrafado através do alfabeto Morse, utilizado nos sinais marítimos, difere em cada caso consoante os meios transmissores; é, no entanto, a mesma língua, pois o esquema relacional, o encadeamento dos signos, permanece idêntico e é isso que nos permite identificar a língua³².

A este esquema relacional que constitui a essência da língua chama Hjelmslev a *espécie língua* ou a *língua linguística*, contrapondo-se à língua do uso (que inclui o elemento fonético, semântico, etc.) em que o esquema se manifesta. Hjelmslev diz que sob este aspecto de simples esquema independente da sua manifestação não se tem, no entanto, estudado a língua; nem mesmo a fonologia de Praga a encarou desse modo pois, embora entenda o fonema como abstracção fonética, mantém-se sempre como abstracção não como simples valor³³.

5) *A língua é uma forma, não uma substância.* — De tudo o que foi dito poder-se-á deduzir que a língua é uma forma. «Todo o meu esforço se concentra no aspecto de língua estudada e concebida como simples forma»³⁴. Hjelmslev defende este ponto de vista representado na teoria logicista da linguagem por B. Russell e R. Carnap. Segundo este último, a estrutura aparece definida como um facto puramente formal e

³¹ *Cf. ibid.*, pp. 30-31.

³² *Cf. ibid.*, pp. 34-35.

³³ *Cf. ibid.*, pp. 32, 38.

³⁴ *Ibid.*, p. 39.

relacional; todos os enunciados científicos devem ser enunciados estruturais, isto é, enunciados de relações, sem implicar um conhecimento ou descrição dos próprios elementos que se relacionam.

Este método aplica-se também à análise linguística. A linguística deve ser a descrição do modelo relacional da língua, deixando de lado qualquer consideração sobre a natureza das unidades que se relacionam, que constituem objecto da fonética e da semântica.

*Isto significaria — diz Hjelmslev —, em termos de silogística, que a linguística é uma metalinguagem de primeiro grau, enquanto que a fonética e a semântica são metalinguagens de segundo grau*³⁵.

Este modelo relacional da língua é o que se chama forma. Assim se compreende que forma equivalha a «sistema de interdependências».

Na análise linguística,

*tanto o objecto em estudo como as suas partes apenas têm existência devido a essas dependências; a totalidade do objecto em estudo pode apenas ser definida pela soma total das mesmas; e cada uma das suas partes pode apenas ser definida através das dependências que a unem a outras partes coordenadas, ao conjunto*³⁶.

Partindo deste pressuposto, verificamos que os «objectos» do realismo ingénuo são apenas, do nosso ponto de vista, intersecções de grupos de tais dependências³⁷.

*A totalidade não consta de coisas, mas de relações; não é a substância, mas as suas relações internas e externas, que têm existência científica... Saussure, que procurou «rappports» em todas as partes e afirmou que a língua é forma, e não substância, reconheceu a prioridade das dependências dentro da linguagem*³⁸.

Assim, por exemplo, o substantivo e o adjectivo, a vogal e a consoante, os géneros, etc. pressupõem-se

³⁵ *Ibid.*, p. 41. Para uma ulterior exposição destas noções, cf. *Prolegómenos a una teoría del lenguaje*, Madrid, 1971, pp. 160 e segs.

³⁶ *Prolegómenos*, p. 40.

³⁷ *Ibid.*, pp. 40-41.

³⁸ *Ibid.*, p. 41. Cf. *ibid.*, p. 115.

mutuamente; não pode haver adjectivos sem substantivos, vogais sem consoantes, masculino sem feminino, etc.

A diferença entre as línguas não se deve à diferente realização de elementos materiais (por exemplo, sons), mas à diferente realização de um princípio de ordem de elementos materiais em si mesmo indiferentes³⁹.

Assim, o princípio formal adquire em Hjelmslev uma prioridade absoluta. Não tem existência senão em virtude da forma; pelo menos existência científica. Hjelmslev radicaliza neste ponto o pensamento saussureano. Aquela pitoresca descrição de Saussure, em que o pensamento e o som aparecem como duas nebulosas em que nada é distinto antes da língua estabelecer as suas divisões, limita-se, segundo Hjelmslev, a uma formulação pedagógica sem verdadeiro significado real. Segundo o linguista dinamarquês, essas nebulosas nem sequer merecem esse nome. «A substância — escreve — depende da forma a tal ponto que vive exclusivamente para ela e não pode dizer-se que tenha existência independente»⁴⁰.

Não se pode começar a descrição de uma língua pela análise da substância, mas sim ao contrário: a descrição da substância depende da descrição da forma. O velho sonho de um sistema fonético universal como meio de expressar toda a classe de conceitos não pode chegar a ser uma realidade linguística⁴¹.

*A substância não é, portanto, um pressuposto necessário à forma linguística, mas é a forma linguística que constitui um pressuposto necessário à substância*⁴².

Apoiando-se em Saussure, Hjelmslev define a forma no sentido de uma constante e a substância no sentido de uma variável; assim, a forma representa o esquema linguístico, enquanto que a substância representa o uso linguístico.

O que dissemos permite sem dúvida compreender o que Hjelmslev entende por forma e substância da língua. Vejamos, porém, o seguinte texto de um artigo

³⁹ Cf. *ibid.*, pp. 110-111.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 76.

⁴¹ Cf. *ibid.*, p. 110.

⁴² *Ibid.*, p. 150.

publicado em 1954, que apresenta uma definição talvez mais precisa destes conceitos:

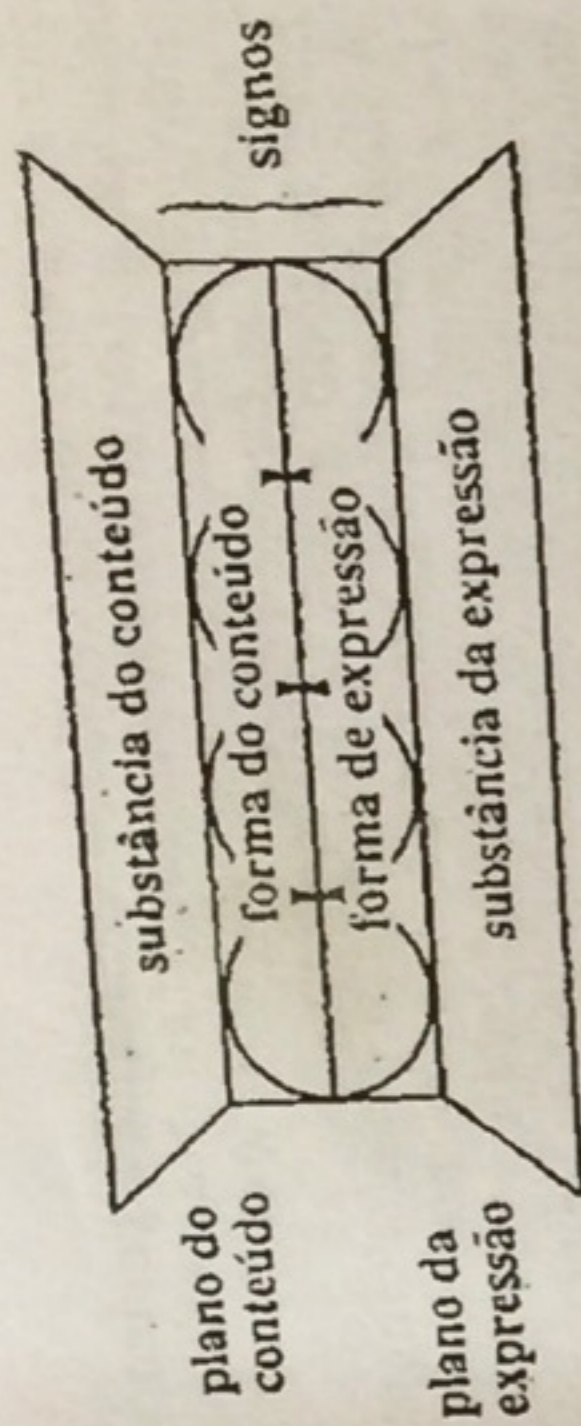
A forma, em geral, define-se como o conjunto total e exclusivo dos traços que, segundo a axiomática adoptada, são constitutivos das definições. Tudo o que não está compreendido numa tal forma, embora pertença evidentemente a uma descrição exaustiva do objecto estudado, desempenha o papel de substância. Forma e substância linguísticas não constituem mais do que um caso particular desta definição genérica.

Ora,

a partir do momento em que altera o ponto de vista e se procede à análise científica da substância, essa substância, por sua vez, passa forçosamente a ser uma forma, cujo complemento é de novo uma substância que compreende tudo o que não fora aceite como traço constitutivo das definições. Isto significa que forma e substância são termos relativos, não termos absolutos⁴³.

6) Os planos da língua: conteúdo e expressão: A distinção entre forma e substância leva à distinção entre conteúdo (significado) e expressão (significante). Já Saussure havia utilizado neste mesmo sentido as fórmulas «plano das ideias» e «plano dos sons»⁴⁴. Hjelmslev, porém, pretende aprofundar este esquema de análise e propõe a distinção entre plano do conteúdo e plano da expressão, voltando em cada um deles a subdistinguir os aspectos de forma e substância. A volta desta distinção deverão centrar-se todas as discussões de método e de princípio.

Hjelmslev concebe esta distinção de planos no sentido de uma *estratificação* útil para levar a cabo a análise. Assim, com o objectivo de abarcar tudo o que constitui o fenómeno linguístico, estabelecem-se quatro estratos que formam dois pares correlativos; substância do conteúdo e forma do conteúdo; substância da expressão e forma da expressão⁴⁵. Esta estratificação da linguagem é apresentada no seguinte esquema⁴⁶.



Como podemos observar, a forma do conteúdo e a forma da expressão estão ligadas uma à outra pela função do signo e constituem o objecto exclusivo da glossemática; a substância do conteúdo e a substância da expressão, pelo contrário, permanecem à margem, excluídas da função do signo. Vejamos este aspecto com mais pormenor.

Uma vez que o único objecto de interesse para a análise é a língua, que foi definida como forma e não como substância, essa análise deverá, nos planos do conteúdo e da expressão respectivamente, limitar-se à parte formal, excluindo tudo o que seja substancial. Isto, diz Hjelmslev, não foi tido em conta por Saussure que «tratou de considerar a expressão e o conteúdo separadamente, sem ter em conta a função do signo»⁴⁷, que, como dizíamos, é de natureza formal. Assim se compreende o facto de Saussure ter praticamente introduzido a substância dentro da língua ao afirmar que «é a partir das duas massas amorfas que a língua elabora as suas unidades»⁴⁸.

Hjelmslev tenta corrigir esta contradição convertendo a simples distinção saussureana entre conteúdo (significado) e expressão (significante) numa dupla distinção e limitando a função do signo aos estratos formais (forma do conteúdo e forma da expressão). Por isso diz que, considerada a língua no sentido saussureano como uma forma específica organizada entre as substâncias (a do conteúdo e a da expressão), essa forma terá de abarcar dois aspectos, sendo forma do conteúdo e forma da expressão⁴⁹. Assim, em vez de uma forma entre duas substâncias, deparamos-nos duas formas (uma do conteúdo e outra da expressão), ficando excluído o âmbito das duas substâncias, a que Saussure chamava «massas amorfas». Só assim se pode

⁴³ Essais, pp. 55-56.

⁴⁴ Cf. Curso, p. 191.

⁴⁵ Cf. Essais, pp. 46-47.

⁴⁶ Cf. E. Alarcos, Gramática estructural, Madrid, 1946, p. 22.

⁴⁷ Prolegómenos, pp. 75-76.

⁴⁸ Curso, p. 191.

⁴⁹ Cf. Essais, p. 44.

afirmar que a língua é forma e não substância, e só assim se realiza plenamente a função de signo.

A distinção entre expressão e conteúdo e a sua interacção na função de signo é algo básico na estrutura de qualquer língua. Qualquer signo, qualquer sistema de signos, qualquer sistema de figuras ordenado com a finalidade de signos, contém em si uma forma de expressão e uma forma do conteúdo⁵⁰.

Os termos plano da expressão e plano do conteúdo e, relativamente a estes, expressão e conteúdo, foram escolhidos de acordo com as noções preestabelecidas⁵¹.

*Esta investigação mostramos, pois, que... graças à função de signo, e apenas graças a ela, existem os seus dois elementos, que podem agora ser designados com precisão como forma do conteúdo e forma da expressão. Graças à forma do conteúdo e à forma da expressão, e apenas graças a elas, existem respectivamente a substância do conteúdo e a substância da expressão, que se manifestam pela projecção da forma sobre o sentido, tal como uma rede aberta projecta a sua sombra sobre uma superfície sem a dividir*⁵².

Mas, urge ainda perguntar: que entende Hjelmslev por forma do conteúdo e forma da expressão e por substância do conteúdo e substância da expressão?

Até agora apenas sabemos que a distinção destes quatro estratos obedece à necessidade de salvaguardar o conceito de língua no sentido de forma e, com ela, a função de signo. Trata-se agora de precisar que realidade corresponde a cada um destes estratos.

A forma do conteúdo. — Parece-nos um pouco difícil precisar o que Hjelmslev entende por «conteúdo» como algo distinto de substância.

Para que a expressão «forma do conteúdo» tenha um valor operativo é preciso demonstrar que forma do conteúdo não é a mesma coisa que forma da substância, já que, nesse caso, não teríamos superado o pensamento saussureano. Isto é, que conteúdo não

pode aqui coincidir com substância nem com sentido ou significado.

Da leitura de alguns textos dos *Prolegómenos* somos levados a crer que o sentido é algo de carácter geral, impreciso e indeterminado, independente de toda a expressão ou formulação. O sentido, portanto, seria a realidade de significado antes de se relacionar com a forma, antes de ser abrangida pela função de signo. O sentido teria deste modo um carácter «numérico».

Na realidade, estamos aqui perante um problema que não pode ser resolvido definitivamente enquanto não forem formuladas com exactidão as relações entre linguagem e pensamento⁵³. De qualquer modo, a formulação de Hjelmslev parece salvaguardar a independência do pensamento em relação a qualquer tipo de expressão linguística. Assim, poderíamos supor um rol de pensamentos, de ideias, de sentido em geral (prescindindo do seu grau de clareza ou precisão), para além de toda a forma de expressão linguística.

O conteúdo, pelo contrário, parece apontar, na terminologia de Hjelmslev, para o conteúdo da forma: aquela parte de sentido que, ao ser revestida de uma forma linguística, fica definida, compreendida em termos precisos, adquirindo significação graças à função de signo que tal forma apresenta. Assim, comparado com o conteúdo, o sentido seria não só o informe e amorfo ponto de vista linguístico, mas também o desconhecido, o não formulado linguísticamente. Ora, quando falamos de forma linguística, essa forma é sempre forma de um conteúdo que, por necessidade, se adapta à forma que o recebe, tornando-se conteúdo linguístico em relação variável, mais ou menos adequada, com o sentido ideal extralinguístico. Forma é, portanto, a estrutura que aloja um conteúdo, a posição desse conteúdo.

Com base em vários exemplos, Hjelmslev evidencia a falta de coincidência existente entre diversas formas de conteúdo linguístico e uma mesma zona de sentido. Transcrevemos um dos esquemas apresentados por Hjelmslev, completado com as formas do português.

Neste exemplo gráfico, o sentido é a zona de substância ou componente da ideia compreendida entre o que se entende por árvore e por bosque ou selva nas várias línguas; o conteúdo, pelo contrário, é a porção

⁵⁰ *Prolegómenos*, p. 87.

⁵¹ *Ibid.*, p. 89.

⁵² *Ibid.*, p. 85.

⁵³ Sobre esta questão, cf. *supra*, cap. «Linguagem e pensamento», pp. 777.

trae'	Baum	árvore
	Holz	lenha
		madeira
		bosque
skov	Wald	selva
		forêt

de significado que ocupa cada forma linguística em cada uma das línguas, porção relativa a essa zona global de sentido ou componente de ideia.

Deste facto — diz Hjelmslev — podemos concluir numa das duas unidades que são juntivos da função de signo, isto é, o conteúdo, a função de signo institui uma forma, a forma do conteúdo, que é arbitrária do ponto de vista do sentido e que só pode ser explicada através da função de signo com a qual é manifestamente solidária.⁵⁴

Vemos, pois, que o sentido informe que pode extrair-se de todas estas cadeias linguísticas se conforma diferentemente em cada língua. Cada língua estabelece os seus próprios limites dentro da «massa amorfa do pensamento»... É como os grãos de areia de um mesmo punhado que formam desenhos diferentes, ou como as nuvens do céu que de um momento para o outro mudam de forma... O mesmo sentido forma-se ou estrutura-se diferentemente nas diferentes línguas... Reconhecemos, portanto, no conteúdo linguístico uma forma específica, a forma do conteúdo, que é independente do sentido com o qual mantém relações arbitrárias.⁵⁵

A substância do conteúdo. Ao tentar esclarecer o que Hjelmslev entende por «substância do conteúdo», a primeira questão que se nos levanta é esta: tratar-se-á de substância linguística ou de substância extralinguística? A resposta não parece nada fácil.

Sabemos já que para Hjelmslev a substância é, em si mesma extralinguística, pois a língua é forma

e não substância; contudo, ao falar aqui de substância do conteúdo, a questão torna-se ambígua e levanta-se a dúvida — devida ao modo como o próprio Hjelmslev se expressa — sobre se tratará de uma substância linguística. De facto, as formulações do linguísta dinamarquês são, a este respeito, um tanto caprichosas e nem sempre consequentes. Uma vez que não nos podemos deter num estudo minucioso da questão, vejamos o que poderemos concluir com base em alguns textos.

Comentando uma passagem de Saussure, diz:

Nada permite fazer preceder a língua pela «substância do conteúdo»... quer na ordem temporal ou na ordem hierárquica... a substância depende da forma a ponto de viver exclusivamente para ela e não pode em nenhum sentido dizer-se que tenha existência independente».

Parece tratar-se aqui de uma substância intimamente ligada à forma e, conseqüentemente, de uma substância linguística ou (porque não?) de conteúdo da forma, mas nunca de substância extralinguística, que, como tal, nada teria a ver com a forma linguística e à qual logicamente não poderíamos negar existência independente.

Na página seguinte fala do «factor comum a todas as línguas», que é «uma entidade definida apenas pela sua função que a liga ao princípio estrutural da língua». A este factor dá o nome de sentido (conceito que já conhecemos).

O sentido — prossegue — existe provisoriamente como uma massa amorfa, uma entidade não analisada que se define apenas pela sua função contraiada com cada uma das fases linguísticas que acabámos de citar. [Refere-se a estas frases: jeg véd det ikke, I do not know, je ne sais pas, não sei.] Podemos imaginar este sentido analisado de muitos pontos de vista e submetido a muitas análises diferentes.⁵⁷

É evidente que sentido coincide aqui com substância extralinguística como «possível» conteúdo de determinadas formas linguísticas em que será anali-

⁵⁴ Prolegómenos, p. 82.

⁵⁵ Ibid., p. 79.

⁵⁶ Ibid., p. 76.

⁵⁷ Ibid., p. 77.

sado de modo diverso, como mostram os exemplos apresentados.

Um pouco mais adiante, porém, deparamo-nos com outro texto que contradiz abertamente o anterior: «O sentido continua sendo, em cada caso, a substância de uma nova forma, não tendo existência possível senão como substância de uma forma ou outra»⁵⁸. Esperávamos aqui naturalmente a palavra «conteúdo» em vez de substância.

Bastante mais preciso é este outro texto:

Parece lógico que um signo seja signo de algo e que este algo resida de certo modo fora do próprio signo. Assim, a palavra anel é signo desse objecto definido que trago no dedo, e esse objecto não faz parte do signo. No entanto, esse objecto que trago no dedo é uma entidade de substância de conteúdo, entidade essa ligada a uma forma do conteúdo, através do signo... O facto de um signo ser signo de algo significa que a forma do conteúdo de um signo pode compreender esse algo como substância do conteúdo»⁵⁹.

Parece levantar-se aqui a questão da acepção extralinguística de substância anteriormente estabelecida. O pensamento de Hjelmslev parece ter-se inclinado definitivamente para a inclusão da substância na forma linguística, com a finalidade de poder levar a cabo certos pontos da análise. Esta posição torna-se bem evidente no já citado artigo de 1954:

A comutação... e, de um modo geral, as cor-relações entre as variantes que permitem a identificação dos elementos, constituem o domínio próprio em que se impõe o concurso da substância»⁶⁰.

A forma da expressão. — Paralelamente à forma do conteúdo, verifica-se na língua a forma da expressão. Todo o conteúdo linguístico tem por objectivo expressar-se, constituir uma expressão; sem expressão, não pode conceber-se a linguagem, uma vez que a lin-

⁵⁸ *Ibid.*, p. 79.

⁵⁹ *Ibid.*, pp. 85-86.

⁶⁰ *Essais*, pp. 54-55.

guagem é comunicação. No entanto, a expressão é em si mesma um contínuo fluído amorfo que poderá ser considerado como substância da expressão; é o contínuo fónico que falámos já em outras ocasiões⁶¹.

Podemos pensar — diz Hjelmslev — numa esfera de movimento fonético-fisiológica especializada em várias dimensões que se apresenta como um contínuo não analisado mas analisável»⁶².

Um exemplo do que o contínuo fónico pode ser, em relação aos órgãos fonadores, é o contínuo constituído pelo corte médio da boca, desde a faringe até aos lábios.

Dado o paralelismo existente entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, o contínuo da expressão poderia ser chamado *sentido* da expressão. Assim, o contínuo fónico das vogais ou do corte médio da boca seriam

as zonas fonéticas de sentido, formadas de modo diferente nas diferentes línguas e ordenadas de acordo com a forma da expressão como substância da expressão»⁶³.

Assim, a forma da expressão será — como dissemos ao falarmos da forma do conteúdo — o que estrutura o sentido ou a substância indeterminada e amorfa da expressão, do conteúdo sonoro. Deste modo, a expressão deve à forma da expressão o facto de ser expressão linguística, afastando, assim, a expressão articulada da expressão inarticulada ou informe.

A expressão é um dos componentes necessários do signo; terá, no entanto, de estar limitada a uma forma; caso contrário, não seria componente do signo. Toda a expressão sem forma é incompreensível, tal como o sentido sem forma é incognoscível. Todo o signo, diz Hjelmslev, possui duas entidades que são os *functivos* da função do signo conteúdo e a expressão. Ora a língua é um sistema de signos.

No entanto, cada língua articula o contínuo fluído sonoro que é a expressão amorfa sob um determinado princípio estrutural dentro de uma infinita variedade de possibilidades. Assim como ao expormos a forma do conteúdo vimos que uma mesma zona de conteúdo

⁶¹ *Cf. supra*, pp. 146 e segs.

⁶² *Prolegómenos*, p. 82.

⁶³ *Ibid.*, pp. 83-84.

se subdivide diferentemente nas diferentes línguas, assim também uma mesma esfera fonética se subdivide de modo distinto nas diversas línguas; daqui resulta que cada língua tenha uma forma própria de expressão. Cada língua inclui arbitrariamente numa mesma zona fonética um número diferente de figuras (fonemas), sempre que os limites se fixam em lugares diferentes dentro do contínuo.

Em relação à zona articulatória da boca, reconhecem-se geralmente três áreas: uma posterior ao *k*, uma intermédia ao *t* e uma anterior ao *p*; no entanto, existem línguas que distinguem duas áreas no *k*, ou duas áreas no *t*, etc. O mesmo sucede com as vogais, cuja delimitação dentro da cavidade bucal oscila da mais simples (*i*, *u*, *a*) à mais complexa das vogais labializadas. Tudo isto relativamente aos diferentes sistemas fonológicos.

No que diz respeito à relação entre os fonemas, as possibilidades de organização e acentuação são também muito diversas, de tal modo que um mesmo sentido da expressão (por exemplo, a palavra *Madrid*) pode formar-se de modo diferente nas diferentes línguas. Imagine-se a palavra *Madrid* pronunciada respectivamente por um espanhol, um português, um inglês e um alemão, utilizando cada um deles o acento linguístico próprio de cada uma dessas línguas. Isto mostra-nos que um mesmo sentido da expressão adopta em cada língua uma forma específica de expressão⁶⁴.

A substância da expressão. — «É impossível — diz Saussure — que o som, elemento material, pertença por si próprio à língua»⁶⁵. Hjelmslev defende a mesma opinião, embora a sua análise torne a afirmação mais complicada. O problema é neste caso análogo ao da substância do conteúdo, isto é: será a substância da expressão de natureza linguística ou extralinguística? Os mesmos textos que há pouco nos levantavam dificuldades continuam aqui a fazê-lo.

Nada permite — escreve de novo Hjelmslev — fazer preceder a língua pela substância da expressão (cadeia de sons)... quem na ordem temporal quer na ordem hierárquica... a substância depende da forma a ponto de viver exclusiva-

*mente para ela e não pode em nenhum sentido dizer-se que tenha substância independente*⁶⁶.

*Graças à forma da expressão, e só graças a ela, existe a substância da expressão, que se manifesta pela projecção da forma sobre o sentido*⁶⁷.

Que significa esta dependência — até na própria existência — da substância da expressão em relação à forma da expressão?

Um caminho para chegar a uma explicação será talvez o modo como Hjelmslev concebe o signo linguístico, que, segundo as suas afirmações, não é uma entidade de duas faces (verso e reverso à maneira de Saussure), mas sim

*uma entidade com duas faces, qual cabeça de Jano com uma perspectiva em duas direcções, com efeitos para o exterior, substância da expressão, e para o interior, substância do conteúdo*⁶⁸.

Hjelmslev apresenta um exemplo: a sequência de sons que compõem a palavra *anel* é, por si mesma, uma entidade de substância da expressão que, graças ao signo, se liga a uma forma da expressão e se classifica segundo a mesma. Levanta-se então a dúvida: não será a palavra *anel* uma substância linguística? Hjelmslev acrescenta:

*Parece, porém, mais adequado usar a palavra signo para designar a unidade que consta de forma de conteúdo e forma de expressão e que é estabelecida pela solidariedade a que temos vindo a chamar função do signo*⁶⁹.

E assim voltamos ao ponto de partida, em que, precisamente pela redução da função do signo ao plano puramente formal, se excluía da consideração linguística ambas as substâncias.

Hjelmslev é, como se vê, um hábil experimentador de termos e conceitos embora com a desvantagem de, por causa do artifício, se correr o perigo de perder o perfil da concepção genérica.

⁶⁶ Prolegómenos, p. 76.

⁶⁷ Ibid., p. 85.

⁶⁸ Ibid., p. 86.

⁶⁹ Ibid., p. 87.

⁶⁴ Cf. *ibid.*, pp. 82-84, 85.

⁶⁵ *Curso*, p. 200.

Resumo e crítica

A análise formal da língua efectuada por Hjelmslev tem sido sujeita a críticas muito severas não só por parte dos estruturalistas.

Parece-nos já de si bastante arriscado o objectivo de tentar limitar o estudo da linguagem ao seu aspecto puramente formal, prescindindo de todos os outros aspectos. Ao pretender criar uma linguística que, ao contrário da linguística convencional, não encarasse como ciência da expressão uma fonética, nem como ciência do conteúdo uma semântica, tal linguística apresentar-se-ia como uma «álgebra da linguagem». A ideia não deixa de ser genial, embora possamos interrogar-nos sobre se uma tal experiência vale a pena e se não será muito mais valioso aquilo que a prática do método exige que se sacrifique. Uma linguística assim concebida ignora o elemento intimamente humano, vivo e criador da linguagem, pois limita-a a um simples esquema de categorias e termos estruturados. Esta é uma objecção de carácter geral, primordialmente inspirada pelo sentimento. Existem, porém, aspectos específicos da glossemática que têm levantado e poderão continuar a levantar sérias objecções sem qualquer carácter sentimental.

O mais evidente desses aspectos é sem dúvida a exclusão da substância, quer fónica, quer semântica, da análise estrutural da língua. As ambiguidades que registamos não chegam para pôr em causa a organização metodológica de Hjelmslev.

Um fonólogo tão importante como Jakobson — e, de um modo geral, a escola fonológica de Praga — não exclui a substância fónica ao estabelecer o sistema de oposições fonológicas, baseando-se precisamente nela; tanto as características dos fonemas, como as oposições que estabelecem entre eles, são descritos com base em critérios articulatórios e acústicos; qualidades, portanto, físicas. A referência à substância fónica é, segundo Jakobson, indispensável na análise dos traços distintivos⁷⁰.

Mas foi sobretudo Martinet quem mais fortemente criticou o método de Hjelmslev. Segundo o linguista francês, é praticamente impossível ignorar a substância fónica devido às dificuldades que daí resultam, como acontece nos dos fonemas com distribuição com-

⁷⁰ Cf. Jakobson Fant-Halle, *Preliminaries do Speech Analysis*, Cambridge-Mass., 1952.

plementar onde se não pode aplicar o teste da comutação, ou no caso dos fonemas de distribuição equivalente que deveriam ter uma mesma definição formal. De facto, a glossemática não ignora a substância fónica em certos casos como, por exemplo, quando se trata de identificar alofones, chegando o próprio Hjelmslev a reconhecer que há ocasiões em que «se impõe o recurso à substância fónica». As objecções de Martinet não são para desprezar e Hjelmslev parece também assim pensar⁷¹.

Factores tão relevantes da linguagem como as palavras e expressões onomatopaicas, o simbolismo dos sons, assim como os valores estilísticos mostram que a substância fónica desempenha um papel importante na língua. O conteúdo significativo da língua não é apenas formal mas também de certo modo aperceptivo e emocional; e aqui a configuração fonética dos sons desempenha um papel insubstituível.

Quanto à exclusão da substância do conteúdo, a questão torna-se mais complexa e talvez seja mais prudente não nos pronunciarmos a favor nem contra o ponto de vista de Hjelmslev, desde que fique claro que a forma linguística, longe de ser uma forma vazia, é forma de um conteúdo. Evitaremos, assim, juízos precipitados sobre o complexo problema das relações entre linguagem e pensamento.

Tentaremos agora limitarmo-nos à apresentação concreta dos conceitos de forma e substância.

Em primeiro lugar, convém não esquecer, como já dissemos, que Hjelmslev propõe a sua concepção formal da língua como uma simples hipótese de trabalho. A distinção de forma e substância, assim como as conclusões que daí advêm, têm pois um valor de um processo de investigação; trata-se da abstracção da realidade objectiva da linguagem com o fim de estabelecer um simples esquema operativo. Os restantes aspectos não se afirmam nem se negam; apenas se dispensam. Assim, não são objecções inteiramente válidas as propostas considerando a linguagem na sua complexidade integral ou na sua realidade imediata, isto é, como fala.

Outro aspecto importante a salvaguardar na crítica de Hjelmslev consiste na perspectiva da sua

⁷¹ Cf. A. Martinet, «Au sujet des fondements de la théorie linguistique de L. Hjelmslev», in *Bulletin de la Société de Linguistique*, 42, 1946, pp. 19-42.

dades ao contrapor-se ao termo forma. E neste ponto que me parece importante insistir.

Já em Hjelmslev parecem evidentes a insegurança e as flutuações terminológicas: substância surge como sinónimo de matéria ou massa amorfa, entidade (sem analisar), sentido e até coisa; toda a expressão, enquanto fluido sonoro, é também substância. Por outro lado surge a acepção de substância no sentido de conteúdo: o conteúdo é moldado pela forma e sem ela não pode existir. São, portanto, acepções muito diversas que dificilmente se podem reunir sob um conceito geral.

Além disso, sob todas estas perspectivas tão diversas, a noção de substância não apresenta um sentido claro e unitário; por um lado, enquanto não for mada, é extralinguística, incognoscível, cáotica; por outro lado, deve a sua existência à forma, já que sem ela não existiria; será, pois, substância linguística. A que se deve esta falta de coerência, de precisão, relativamente ao termo «substância» e suas aplicações?

Eu diria que a correlação de termos *forma-substância*, assim como a aplicação de *substância* para designar zonas distintas da linguagem, resultam viciosas por terem sofrido um afastamento do seu sentido original na teoria hilemórfica, sentido que evidentemente pretendem imitar. Daqui resultam, a meu ver, os desequilíbrios que temos vindo a evidenciar.

Não esqueçamos que os termos forma e substância representam antes do mais noções filosóficas relativas à constituição dos corpos. A tradição aristotélica concebe a forma como o componente substancial que determina a matéria-prima ou potencial, de modo que ambas, forma e matéria, vêm a constituir a essência ou substância física. Ora, substância é o que subsiste em si e por si, e o que sustenta as qualidades acidentais. Toda a substância implica, pois, necessariamente uma forma; a forma substancial, e não pode haver substância sem forma. A substância não formada não só é incognoscível, mas é inclusivamente incapaz de existir, pois equivale à matéria-prima ou potencial.

Assim, a autêntica correlação de termos em sentido filosófico não é *forma-substância*, mas sim *forma-matéria*. É claro que os conceitos de forma e substância, tomados no seu sentido aristotélico, não se adaptam ao emprego correlativo que se tornou usual entre os linguistas a partir de Saussure. Para nos expressarmos linguisticamente em termos hilemórficos

teoria como ensaio de uma ontologia da linguagem: a dedução de um sistema de formas linguísticas subsistentes no sentido platónico. E essa o opinião de Coseriu, por exemplo, embora logo se desdiga²². Hjelmslev propõe a sua análise da linguagem num plano formal mais precisamente para deduzir uma estrutura interna de valor universal. Convém não esquecer este aspecto e canalizar as objectões para esta organização puramente formal. E é agora que importa perguntar: como se adapta a distinção de forma e substância a esta concepção formal da linguagem?

Por *forma*, Hjelmslev entende o conjunto de qualidades abstractas da língua em geral e das línguas em particular, que constitui a estrutura interna e específica em cada caso. Esta estrutura é logicamente deduzida da análise das relações verificadas entre os elementos, assim como da distribuição dos próprios elementos.

Toda a forma linguística tem necessariamente um carácter abstracto para poder ser descrita cientificamente; assim, a estrutura imanente da língua (ou das línguas) torna-se fórmula ou categoria conceptual, algebra da língua, como diz Hjelmslev.

De *forma* apenas se pode falar dentro de uma realidade poética, não porque o princípio formal se não verifique realmente nas coisas, mas porque cabe à mente a sua descoberta e a sua descrição. Neste sentido, parece óbvio que a língua seja forma pois oferece à análise uma distribuição de elementos e uma rede de relações que podem ser integradas em categorias.

A forma é a parte inteligível da língua e tem uma dupla relação que é a dupla relação do signo: a mente e as coisas. Até aqui a teoria glossemática não oferece qualquer dificuldade e tanto Saussure como Hjelmslev têm razão quando afirmam que a língua é forma. A dificuldade surge, a meu ver, com o termo *substância* como oposto a forma, com a afirmação de que a língua é uma forma e não uma substância. Isto leva-nos a perguntar o que se entende por substâncias e como é que a substância se opõe à forma.

Esta generalizada entre os linguistas a aplicação do termo «substância» tanto aos elementos fónicos da linguagem, como aos significados. No entanto, esta utilização do termo «substância» pode levantar dificuldades.

²² Cf. E. Coseriu, *Teoria del lenguaje y lingüística general*, 2.ª edic. Reimpres, Madrid, 1967, pp. 211 e segs.

teríamos de dizer forma e matéria em sentido analógico: a forma e a matéria na constituição dos corpos vêm a ser representadas na constituição da língua pela estrutura (forma) e pelo elemento físico sonoro (matéria). E, porque a língua, em virtude da função de signo, mantém uma relação necessária com um conteúdo significativo, poderia, por extensão, atribuir-se a esse conteúdo a denominação de matéria.

Daqui podemos concluir que o termo forma pode muito bem representar a noção de estrutura relacional exercida sobre o meio físico fónico e sobre o conteúdo significativo, sendo abstractamente analisável; e, sob este aspecto, é totalmente correcta a distinção hjelmsleviana de forma da expressão e forma do conteúdo.

Relativamente ao termo *matéria*, é evidente que se não pode aplicar com toda a propriedade ao significado ou sentido, pois este apenas existe como entidade linguística graças à relação estabelecida pela função do signo; no entanto, poderemos atribuir esse termo ao significado num sentido menos preciso. Tratando-se do significativo (a expressão como contínuo fónico), o termo matéria também não é o mais adequado, pois os sons não são por si próprios algo de material, mas simplesmente vibrações dos órgãos fonadores: uma energia transmitida sob a forma de ondas através da matéria, mas não uma transmissão de matéria. Além disso, considerado o significativo como elemento físico em que actua a forma linguística, e por oposição a esta, não restam dúvidas de que pode ser considerado como matéria.

Possivelmente o único meio de eliminar todas estas dificuldades que temos vindo a observar consistiria em prescindir do termo substância, substituindo-o, nos casos necessários, pelo termo matéria, e em considerar a língua como uma estrutura formal em que organiza um elemento sonoro e um conteúdo significativo.

BIBLIOGRAFIA

A presente bibliografia limita-se a obras cuja temática está mais directamente relacionada com as questões tratadas neste livro; são, na sua maioria, obras ou manuais de carácter geral. Sempre que se trata de autores estrangeiros cujas obras se encontram traduzidas em espanhol, optei pela edição espanhola que poderá interessar mais a generalidade dos leitores.

- Adrados, F. R., *Estudios de lingüística general*, Barcelona, 1969.
— *Lingüística estructural*, 2 vols., Madrid, 1969.
Alarcos, Llorach E., *Gramática estructural*, Madrid, 1969.
Benveniste, E., *Problèmes de linguistique générale*, Paris, 1966.
Bloomfield, L., *Lenguaje*, Lima, 1964.
Bühler, K., *Teoría del lenguaje*, Madrid, 1967.
Cerdá, R., *Lingüística, hoy*, Barcelona, 1969.
Coseriu, E., *Teoría del lenguaje y lingüística general*, Madrid, 1962.
Chomsky, N. A., *Aspectos de la teoría de la sintaxis*, Madrid, 1970.
Dinneen, F. P., *An Introduction to General Linguistics*, Nova Iorque, 1967.
Ebeling, C. L., *Linguistic Unist*, The Hague, 1960.
Gabelentz, G. von der, *Die Sprachwissenschaft*, Tübingen, 1969.
Gleason, H. A., *Int.*
Harris, Z. S., *Structural Linguistics*, Chicago/Londres, 1966.
Hjelmslev, L., *El lenguaje*, Madrid, 1968.
— *Prolegómenos a una teoría del lenguaje*, Madrid, 1971.
— *Ensayos lingüísticos*, Madrid, 1968.
Hockett, Ch. F., *Curso de lingüística moderna*, Buenos Aires, 1971.
Humboldt, W. von, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, Bona, 1968.
Jakobson, R. W., *Language and its Structure. Sogre Fundamental Linguistic Concepts*, Nova Iorque, 1968.
Lepschy, G. C., *La lingüística estructural*, Barcelona, 1971.
Lyons, J., *Introducción en la lingüística teórica*, Barcelona, 1971.
MalMBERG, B., *Los nuevos caminos de la lingüística*, México, 1967.
Martinet, A., *Elementos de lingüística geral*, Lisboa, 1970.
— *La lingüística sincrónica*, Madrid, 1968.
— *Economía de los cambios fonéticos*, Madrid, 1974.
Mattoso Camara, J., *Principios de Lingüística Geral*, Rio de Janeiro, 1967.
Mounin, G., *Claves para la lingüística*, Barcelona, 1969.